

Monte Castelo e o espírito de corpo na Força Expedicionária Brasileira

TC QCO Mag Hist Alcemar Ferreira Junior*

Introdução

A cada 21 de fevereiro, comemora-se o aniversário da Tomada de Monte Castelo, na Itália, pela FEB. A série de combates pela conquista da cota 887 tornou-se uma lenda dentro do Exército Brasileiro, pelo sacrifício imposto à tropa brasileira nesse evento. Foram 5 ataques (alguns alegam que foram 4), iniciados em 24 de novembro de 1944 até a conquista do monte em 21 fevereiro de 1945, nos quais baixaram mais de 300 militares brasileiros, mas forjaram um espírito de corpo na divisão jamais visto. Antes do primeiro ataque ao monte, eram comuns boatos de que, em breve, antes do Natal de 1944, a tropa seria trazida de volta ao Brasil; que políticos venderam o Brasil aos Estados Unidos por algumas garrafas de uísque; ou que os brasileiros seriam apenas tropas de ocupação, entre outras infâmias.

Na nossa opinião, talvez não houvesse um espírito de corpo formado nas tropas expedicionárias sem os reveses de Monte Castelo.

Em rápida digressão, é forçoso relembra que, durante a mobilização, ocorreram inúmeros contratempos, oriundos da cultura militar brasileira.¹ A inexistência de uma reserva de pessoal especializado ou o recrutamento de analfabetos não atenderam às necessidades de pessoal de alto nível técnico para a utilização dos modernos equipamentos cedidos pelos norte-americanos; uma alta porcentagem de incapazes para o serviço militar (em relação a problemas dentários, de saúde e psicológicos), levando ao abrandamento dos critérios de seleção; as ausências, deserções, isenções e o clientelismo no recrutamento para as classes mais abastadas; os licenciamentos de praças e oficiais por motivos escusos; a tardia concentração das unidades no Rio de Janeiro e o escalonamento do transporte para a Itália; a recusa de oficiais profissionais de servirem na tropa que iria

para a guerra e até mesmo a falta de colaboração dentro do próprio Exército.

Para McCann, a ideia de uma força expedicionária e a vontade de que ela tomasse vida cresceram de uma maneira acidental, fustigada por todas as forças internas e externas que haviam configurado a política externa brasileira. Góes e Dutra eram admiradores da máquina de guerra alemã, mas, também, hábeis na sobrevivência da política interna do Exército. [...] Não confiavam nos Estados Unidos, que já mantinham bases em território brasileiro, nem gostavam dos ingleses, que haviam, por tanto tempo, dominado o mundo luso-brasileiro. Tinham amarga consciência de sua fraqueza militar e se melindravam por depender dos EUA para conseguir material bélico para modernização do Exército.²

De todas as deficiências anteriormente listadas, a recusa de oficiais profissionais (formados na Escola Militar do Realengo) foi a mais notada pelo general Mascarenhas de Moraes:

(..) encontra-se a questão da percentagem de oficiais da reserva. Parece que não podem ser postas de lado as contingências psicológicas do meio civil, em face da organização da FEB. Não se deve permitir que tenha curso o que se propala quanto à permanência de oficiais do Exército ativo no Brasil, enquanto jovens tenentes da reserva, oriundos dos CPOR, passam a integrar em forte proporção os corpos da FEB. É oportuno assinalar-se e procurar evitar o que já tem acontecido, isto é, a transferência de oficiais oriundos da Escola Militar, de unidades componentes da FEB para outras não computadas. Seria imperioso determinar, salvo melhor juízo de Vossa Excelência, que cada corpo de tropa seja dotado de um núcleo de oficiais da reserva sempre inferior a 1/3 dos seus quadros. E, se necessário for, deve-se apelar para a turma de aspirantes a oficial cuja declaração está prevista, no Realengo, para 5 de janeiro do ano vindouro.³

Cabe, neste momento, uma rápida ambientação

* TC QCO Mag Hist (EsAEx/1999, EsAO/2008). Especialista em história do Brasil e integra o quadro de historiadores do Arquivo Histórico do Exército desde 2000.

do *front* da FEB. As melhores tropas aliadas haviam sido retiradas da Itália para a invasão da Normandia, e o V Exército recebera tropa heterogênea para recompletar seus efetivos. Isso posto, o efetivo alemão era maior que o dos Aliados, mas a ordem geral era de permanecer na ofensiva, tendo em vista fixar tropas germânicas na Itália, que, do contrário, poderiam ser deslocadas para a Normandia ou para a frente russa. O comando alemão, acuado pelo avanço aliado, resolveu ocupar a Linha Gótica e dificultar ou impedir o avanço aliado para o norte da Itália. Na parte da Linha Gótica situada nos Apeninos, deu-se a frente da FEB no período ora apresentado.

Como defesa da tropa brasileira, podemos dizer que a tropa era inexperiente, ainda incompleta e não passara pelo estágio de adaptação ao combate, como as tropas norte-americanas passavam.

De todo modo, o monte e suas imediações eram de difícil acesso e bem defendidos por alemães da 232ª Divisão de Infantaria e outros elementos, comandados pelo barão Eccard von Gablenz. O relatório da 2ª Seção de Estado-Maior da FEB mapeou muitas posições de metralhadoras, morteiros, canhões 88 e franco-atiradores. Segundo o general Zenóbio da Costa,

este maciço (o Castello), com culminâncias de 800 a 1.100 metros, se apresenta, para quem tenta progredir na direção geral S-N, como uma verdadeira massa de deter, sob forma de anfiteatro.

Como exemplo daquele desânimo geral, vejamos como ocorreu o primeiro ataque da FEB ao Monte Castelo. A FEB estava subordinada à Força-Tarefa 45 (*Task Force* 45 norte-americana), composta pelos 3º Batalhão do 6º Regimento de Infantaria (III/6º RI) – (brasileiro), 1º Esquadrão de Reconhecimento (brasileiro), elementos da 92ª Divisão de Infantaria

(negros norte-americanos) e da 45ª Brigada de Artilharia Antiaérea (atuando como infantaria) e tendo o 1º Batalhão do 1º Regimento de Infantaria (brasileiro) como reserva. Ficou decidido que a tropa deveria tomar a posição, utilizando a surpresa. A concepção da manobra era tomar Monte Castelo e desafogar a Rodovia 64. Um ataque frontal de Case Guanella até o morro, com 4km de frente e 7km de profundidade, foi tentado, sem o reconhecimento anterior da força inimiga, na tentativa de obter a surpresa.

A partir do rompimento da linha de partida, no dia 24 de novembro, começou a preparação da artilharia, sendo disparados cerca de 1.200 tiros contra o monte. Algumas unidades, no entanto, sequer romperam a linha de partida, sendo detidas por forte fogo de morteiro e de canhões 88mm alemães.

Do lado brasileiro, nesse primeiro ataque, impôs-se o uso limitado de algumas munições e granadas para os canhões 105 e 155. Como corolário, o comandante do IV Corpo devolveu as unidades brasileiras ao comando da FEB.

Conclusão

À guisa de conclusão, pode-se inferir que as derrotas nos seguidos ataques e as consequentes baixas sofridas forjaram um espírito de corpo que não havia sido alcançado no Rio de Janeiro, em face da inclusão e exclusão de militares das tropas expedicionárias, das deficiências da mobilização, da falta de propaganda e do baixo moral na frente interna. Na Itália, o escalonamento do transporte da FEB, com a última tropa desembarcando em fevereiro de 1945, também não contribuiu para reforçar aquele espírito pretendido. Assim os reveses em Monte Castelo feriram os brios da tropa, que conseguiu superar os obstáculos e transformar-se, até o fim do conflito, em uma divisão aguerrida.

Referências

ARRUDA, Demócrito C. *et al.* **Depoimentos de Oficiais da Reserva sobre a FEB**. 3. ed., Rio de Janeiro: Cobraci Publicações. s/d.

BONALUME, NETO, Ricardo. **A Nossa Segunda Guerra**. Os brasileiros em combate, 1942-1945. Rio de Janeiro, Expressão e Cultura, 1995.

BRANCO, Manoel Thomaz Castello. **O Brasil na II Grande Guerra**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1960.

BRAYNER, Floriano Lima. **A verdade sobre a FEB**. Memórias de um Chefe de Estado-Maior na Campanha da Itália-1943-1945. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

CABRAL, Francisco Pinto. **Um Batalhão da FEB no Monte Castelo**. Brasília: Thesaurus, 1987.

GONÇALVES, Carlos P. **Seleção Médica do Pessoal da FEB**. Biblioteca do Exército: Rio de Janeiro, 1951.

KELLETT, Anthony. **Motivação para o combate**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1987.

MASCARENHAS DE MORAES, João B. **A FEB pelo seu Comandante**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1949.

MASCARENHAS DE MORAES, João B. **Memórias**. V. 1, Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1984.

MCCANN, Frank D. **Aliança Brasil-Estados Unidos 1937-1945**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1995.

Notas

¹ O então coronel Floriano Brayner, rememorando a Missão Militar Francesa, alega que o Exército Francês, saído da Primeira Guerra Mundial, pletórico de material e grandes efetivos, não sabia e nem se esforçava, por trabalhar dentro dos quadros da modéstia dos nossos recursos, vivendo as hipóteses de guerra no continente... Daí uma certa deformação (dos oficiais brasileiros), com uma acentuada tendência para o academicismo que fingia ignorar a realidade brasileira (BRAYNER, F. Luzes sobre Memórias, p. 47).

² MCCANN, F. Aliança, p. 272.

³ Ofício nº 02-Reservado, de 25 nov 1943, do general Mascarenhas de Moraes. Ofícios reservados da 1ª DIE-FEB de outubro a dezembro de 1943.